



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

## EXERCÍCIO DE PENSAR OS TERRITÓRIOS NEGROS A PARTIR DAS DINÂMICAS COMERCIAIS DAS MULHERES DO SÃO JOÃO DO CABRITO - PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES.

CAROLINE SILVA SOUZA<sup>1</sup>

**Resumo:** Na década de 1930, a antropóloga Ruth Landes iniciou suas pesquisas na cidade de Salvador da Bahia e voltou seus estudos para a contribuição da mulher negra na construção e manutenção do espaço estudado. A rua, o mercado e a cidade, enquanto espaços de protagonismo feminino, são bastante evidenciados por Ruth Landes em seus escritos sobre a presença das mulheres negras em Salvador da Bahia. No entanto, a predominância do trabalho feminino em ambientes de caráter predominantemente comerciais e/ou voltados a prestações de serviços não irá corresponder à realidade de todas as mulheres soteropolitanas, sobretudo se levarmos em conta outros locais ou recortes temporais. Sendo a cidade um organismo flexível e em constante mutação, reflexo das necessidades daqueles que a ocupa, ante dinâmicas políticas, econômicas e sociais que estruturam a sociedade, neste caso a sociedade brasileira, entende-se que formas de viver e elaborações de resistência diferem ou mudam mediante temporalidade e localidade. Nesse ensaio, inicia-se uma aproximação do universo cotidiano das mulheres que viveram os últimos 20 anos (1998-2018) no São João do Cabrito, localizado no bairro de Plataforma, como uma forma a pensar e selecionar as questões que mobilizaram as leituras de Landes na década de 30 e com elas dialogar no contexto de Salvador a partir do recorte citado. Enquanto pesquisadora, estudante de Arquitetura e Urbanismo, moradora do São João do Cabrito, construí este ensaio metodologicamente apoiado em registros de minhas observações do lugar, atrelado ao material recolhido em entrevistas feitas com vizinhas, além da análise das tipologias das fachadas principais da casa dessas mulheres e de como se dá a relação delas com suas casas inseridas na dinâmica urbana local.

**Palavras chave:** Trabalho; cidade; mulheres negras; religiosidade; subúrbio ferroviário

### **Narrativas de Ruth Landes e a presença das mulheres negras no espaço urbano**

Ao chegar em Salvador, uma das primeiras constatações da antropóloga Ruth Landes se deu em relação ao machismo: era um mal extremamente presente na cidade. Porém, a autora acordou para o fato de que a relação de mulheres brancas e negras acontecia de maneiras diferentes frente a essa realidade. Enquanto mulheres brancas não possuíam liberdade para desenvolver maior interação com as ruas - a não ser na companhia de um homem - mulheres negras podiam ser vistas em várias partes da cidade, trabalhando. Segundo Landes, aquelas mulheres “[...] *Geriam açougues, quitandas, balcões de doces e frutas e as barracas onde se vendiam especiarias vindas da costa ocidental da África.* (LANDES, 1967).

---

<sup>1</sup> Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Ao trazer o estudo da resistência negra feminina através do comércio para uma área do bairro de Plataforma, o São João do Cabrito, a resposta frente à necessidade de subsistência evidenciam afinidades outras na forma de subsistir de muitas mulheres que vivem no local. Percebe-se no local, que o entrelaçamento entre atividades comerciais e o papel de dona de casa é uma constante na vida de muitas mulheres. Essas mulheres, majoritariamente negras, fazem parte de um grupo de pessoas que comercializam produtos nas ruas onde moram, ou muito próximo dessas, constituindo na prática um dos pilares de sustentação da economia local. A junção da atividade doméstica e comercial constitui-se, então, enquanto criação frente às diversas circunstâncias que afastam essas mulheres da necessidade de buscar trabalhos em áreas mais distantes.

O estudo de caso dentro da localidade pôde constatar que a vinculação das atividades domésticas e comerciais servem como diretriz da composição espacial das casas. A influência do uso na casa é facilmente perceptível desde as fachadas, seja por placas de propaganda ou pelas modificações na própria arquitetura. As recorrentes mudanças físicas do domicílio, transformam o que antes era um ambiente puramente doméstico, em ambiente, também, de uso comercial ou de serviço, tomando um caráter multiuso. Além disso, o crescente número de casas com essa característica têm modificado a composição arquitetônica da rua e vêm alterando as dinâmicas urbanas da mesma. Por isso, faz-se necessária uma reflexão a respeito dessa forma recorrente de uso do espaço privado e como esse espaço se relaciona com o espaço público.

Nesse primeiro estudo, estão documentadas quatro narrativas que versam pelas seguintes perguntas:

1. Nome, idade, e local de nascimento.
2. Quando começou a trabalhar.
3. Período em que começou a exercer a atividade que se configura como renda principal.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

4. Por que escolheu a atividade que exerce.
5. Qual o retorno do público ante o serviço prestado ou a mercadoria comercializada.
6. Relato de machismo no exercício da atividade.
7. Se há alguma ajuda no trabalho por parte de familiares.
8. Quantas pessoas moram na casa.
9. De que maneira a profissão interfere na rotina doméstica.
10. Motivos pelo qual escolheu trabalhar no local.
11. Origem das mercadorias comercializadas.
12. Quais os pontos positivos e negativos de trabalhar em casa ou perto de casa.
13. Como lida com o exercício de comerciante atrelado ao serviço doméstico.
14. Horário de início e fim das atividades.
15. Se os clientes respeitam o horário ou solicitam o serviço comercial na casa.
16. Nível de escolaridade.
17. Religiosidade.

## **O SÃO JOÃO DO CABRITO**

O São João do Cabrito é uma área dentro do bairro de Plataforma, um dos bairros que compõem o Subúrbio Ferroviário de Salvador (SFS). A origem do bairro data de 1638, quando a invasão holandesa à cidade de Salvador tomou o bairro. Plataforma tem sua história muito relacionada ao patrimônio industrial e ferroviário.

O “trem do subúrbio”, como muitas vezes é conhecido, liga o Subúrbio Ferroviário de uma Ponta à outra - passando por 10 estações. No entanto, originalmente, a faixa que o modal compreendia nem sempre restringiu-se apenas ao SFS. A linha-tronco da Viação Ferrea do Leste Brasileiro (VFFLB) era a linha original da Estação Ferroviária que saía da Bahia ao São Francisco, aberta entre 1860 e 1863, ligando a estação da Calçada, em Salvador, à de São Francisco, em Alagoinhas. Em 1980 as viagens de longo percurso encerraram-se, e hoje (2018) apenas trens metropolitanos fazem o



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

trecho Calçada-Paripe, cuja extensão é 13,5 km<sup>2</sup>.

A fábrica têxtil São Brás passa a funcionar no São João do Cabrito em 1875, vindo a durar por quase um século, empregando homens e mulheres do bairro. A fábrica parou de funcionar no final de 1959. No entanto, em 1961 foi parcialmente reativada, e passou a operar com novos equipamentos que permitiram empregar um quarto da força trabalho originariamente empregada na mesma fábrica. Em 1967 foi arrendada à Fábrica de Tecidos Fatima e renomeada FATBRAZ, mas fechou após um ano. Nos anos 1970 anos o império industrial da Companhia União Fabril e Progresso Industrial se reduziu de oito fábricas a uma, a FAGIP S/A, e instalou-se na vizinha do São João do Cabrito, na Península de Itapagipe; A FAGIP incorporou a Fábrica São Brás em 1975, e implantou-a na unidade da fábrica que fica mais próxima ao mar.



O mar se configura, também, como um aspecto muito relacionado à identidade local. Além da fábrica e da linha do trem, o Terminal Marítimo de Plataforma<sup>3</sup>, também

---

<sup>2</sup> Subúrbio Ferroviário de Salvador.

<sup>3</sup> A Travessia Aquaviária Ribeira-Plataforma foi implantada na década de 80 (oitenta), pelo então governador João Durval Carneiro, e possui como maior demanda de usuários a população do bairro de



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

denominado Porto Hidroviário de Plataforma, também compõe a identidade coletiva. O modal, que liga o bairro de Plataforma ao bairro da Ribeira, foi construído nos anos 1980. O porto recebeu o nome de Terminal Marítimo Almeida Brandão, operando durante dez anos. O serviço era voltado ao transporte de estudantes, trabalhadores das fábricas de tecido do bairro de Plataforma e pessoas que precisavam deslocar-se até à Península Itapagipana.

## AS MULHERES DE SÃO JOÃO DO CABRITO

A influência da fábrica, da linha de trem e do mar está presente de forma intensa na história de **Ana Maria das Neves Silva**, ou simplesmente Ana. Seu pai era um maquinista e sua bisavó trabalhou na fábrica. Registrada como Ana Maria das Neves Silva, a entrevistada diz ser esta a única informação sobre sua origem que pode passar com certeza. Isso porque, ela foi trazida pelo pai, de trem, à Salvador, para ser criada com a então esposa dele, Valdelice; “Meu pai não era fiel, ainda assim, nem sei se de fato sou filha de outra mulher dele, mas isso é o mais provável”. Ana desconfia que tenha vindo de Alagoinhas, mas não tem certeza. Sua certidão de nascimento data 2 de julho de 1962, mas ela diz não acreditar que nasceu nesta data “meu pai gostava de registrar os filhos em datas comemorativas, acho que tenho 54 anos, mas não nasci em 2 de julho”. Aos 11 anos perdeu seu pai, e diz que a falta dos auxílios que ele lhe fornecia para se alimentar, ela comia mariscos e peixes do mar do São João.

Ana sempre residiu no Subúrbio Ferroviário de Salvador, e Plataforma é o bairro de sua preferência. Sua vida como comerciante começou ainda jovem, quando fazia tapeçaria para vender. Aos 25 anos engravidou do seu primeiro filho, Vinícius, mas o seu companheiro recusou-se a assumir a criança, desaparecendo. Ana precisou, então, voltar a morar com sua madrasta, que naquele tempo residia em Novos

---

Plataforma, no Subúrbio Ferroviário. Sua exmAPA INDICANDO LOCALIZAÇÃO DO São tensão é de 0,54 milhas náuticas ou 1,0 Km.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Alagados<sup>4</sup>, numa casa sobre as palafitas. Diante de tamanha dificuldade, Ana Maria passou a exercer a atividade de auxiliar administrativo, para sustentar a si e ao seu filho, além de contribuir para as despesas de casa.

Mais tarde, saiu dos Novos Alagados mudou-se para a rua dos Ferroviários, no São João do Cabrito. “Até o nome da minha rua lembra meu pai, um ferroviário”. No São João, Ana resolveu vender artigos de bomboniere no rol de sua casa para auxiliar nas despesas. Depois, desativou seu quarto e tentou abrir uma mercearia, depois uma loja de roupas e por fim, decidiu-se por armarinho. O Armarinho durou de 2002 até 2017, quando ela passou por um momento de cansaço devido ao trabalho de comerciante.

Ana diz não descartar a reabertura do seu comércio. Para ela, vender em sua própria casa é mais vantajoso em relação ao custo benefício. Ela não precisa pagar aluguel, o espaço que possui é suficiente para o exercício das atividades, e ela pode realizar os serviços domésticos em paralelo ao serviço comercial “fico correndo de lá pra cá, várias vezes tive que largar o suco que estava fazendo pra ir atender alguém gritando ‘me despache!’”

Além do filho que teve aos 25 anos, Ana ganhou mais dois, uma menina e um menino. Porém, quando perguntada sobre a ajuda familiar em seu comércio, ela diz que recebia pouca ajuda, sendo sua filha, maior auxiliar.

O trabalho comercial nunca foi a renda principal de Ana, pois, como nunca casou-se,

---

<sup>4</sup> Novos Alagados têm sua origem com os primeiros moradores da década de 60, após a inauguração da Avenida Afrânio Peixoto, a Suburbana, no ano de 1971. As primeiras ocupações remontam a Alagados, no bairro do Lobato, primeira área invadida sobre a maré, onde foram construídas moradias sobre palafitas, que consistem em casas sobre paus fincados sobre a lama do mar. A área dos Novos Alagados pertence ao bairro de Plataforma e está situada nas áreas do manguezal, na Enseada do Cabrito que, por esse motivo, foi por muito tempo chamada de “Beira Mangue” como uma forma depreciativa de se referir aos moradores do local. Muitos moradores dos Novos Alagados vinham do interior do estado em busca de melhorias, porém, ao chegar em Salvador precisaram enfrentar duras realidades. Enquanto alguns tornaram-se mendigos, outros ocuparam a região e se estabeleceram nela. Outros moradores foram morar no local por terem sido expulsas do aterro dos bairros do Uruguai, Jardim Cruzeiro e Massaranduba.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

sendo filha solteira de ex-ferroviário, tem direito a pensão. No entanto, o comércio auxiliava bastante nas despesas de casa. Ana diz que além do retorno financeiro, era muito gratificante trabalhar com seu armário, cuidar do espaço e sair para comprar mercadorias. As suas mercadorias eram trazidas geralmente de lojas na Avenida Sete de Setembro, através de compras a atacado “adorava ir para a cidade comprar as coisas, me distraía e ficava feliz em deixar meu armário sortido”.

Ana estudou até o segundo ano do Ensino Médio, diz que abandonou os estudos porque não conseguia conciliar estudos, trabalho e criação dos filhos. Além disso, ter sido criada por madrasta e padrasto trouxe diversos problemas para a sua vida.

Sobre religião, Ana Maria diz ser Adventista do Sétimo Dia. Sua relação com a religião é muito importante para ela, sendo seu suporte emocional, além do espiritual. Quando perguntada se a religião interferia de alguma maneira nas suas atividades comerciais ela apontou que interfere no que diz respeito a “guarda do sábado”<sup>5</sup>, pois segundo sua crença, é um dia escolhido para adorar a Deus e descansar das atividades da semana, diante disso, ela não abre o comércio. A sua relação com o sábado enquanto dia de repouso interfere também na procura de emprego, pois a maioria vagas de trabalho disponíveis exigem que se trabalhe aos sábados, e enquanto Adventista, Ana recusa-se, portanto, atuar em seu negócio próprio lhe confere maior liberdade religiosa.

---

<sup>5</sup> De acordo com a Bíblia, Deus criou o mundo em seis dias e no sétimo dia da semana da criação, ele descansou e também “santificou” e “abençoou” o dia. Estando o a santificação do sábado presente também entre os dez mandamentos presente também na Bíblia, para os Adventistas do Sétimo dia, o sábado representa um convite para que as pessoas dediquem somente à Deus e ao descanso de suas próprias atividades diárias. Os Adventistas acreditam, ainda, que o início e o fim de um dia é demarcado pelo pôr do sol, diante disso, encerram suas atividades ao pôr do sol da sexta-feira e retomam seus afazeres após o pôr do sol de sábado.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



O armarinho e a casa de Ana Maria

\*

A ligação com o trem e a cidade de Alagoinhas não estão restritas apenas a Ana, a sua amiga, **Sônia Maria dos Santos Menezes**, 60 anos, chegou a Salvador aos 13 anos, quando seu pai, maquinista, deixou Alagoinhas e levou a família para Salvador. Sônia é na verdade, nascida em Ilhéus, mas está há anos distante da cidade natal “Esses ferroviários não eram mole, tenho uma irmã que não conheço lá em Alagoinhas”.

Sônia diz ter começado a trabalhar desde muito cedo. Aprendeu a costurar quando tinha 14 anos. No primeiro grau, do Ensino Médio, fez curso de datilografia. Aos 17 anos, já no segundo grau, começou a trabalhar em um laboratório. Depois trabalhou em várias empresas e, quando saiu do último emprego, resolveu retomar às atividades de costura para poder sustentar-se. Isso porque havia se separado do marido e por isso viu a necessidade de fazer alguma atividade para se manter e manter seus filhos. “Trabalhei no laboratório de Análises Clínicas, na Avenida Sete, próximo a prefeitura. Depois na Sandiz, depois Comercial, depois Sartre, depois Americanas e depois a imobiliária Eros, que foi a última empresa antes da costura”. Anos depois reatou o casamento, foi morar com a sogra e então parou de costurar.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Sônia estudou até o segundo ano do Ensino Médio, diz que abandonou os estudos porque cansou. Tentou concluir o Ensino Médio três vezes, mas não conseguia trabalhar e estudar. Criou os filhos sozinhas. “Quando meu marido voltou para casa, meu filho já tinha 14 anos. Era eu pra tudo, sapato, roupa, comida, colégio, tudo!”. Enquanto ela trabalhava seus filhos ficavam com sua mãe ou sozinhos, cuidando um do outro.

Em 2000 quando comprou a casa no São João do Cabrito, na rua dos Ferroviários, voltou a costurar e decidiu que essa seria sua principal fonte de renda “comecei a costurar sério, para a rua”. Sônia então comprou as máquinas e fez da sala de sua casa, um ateliê de costura.

O incômodo de trabalhar na sala de sua casa é não poder receber visitas como gostaria. Mas pretende um dia ter seu atelier de costura “fazer meu espacinho, meu quarto de costura [...] é meu sonho ter meu atelier todo montadinho, todo bonitinho”. Porém, na rotina da casa, ela diz não ter tido grandes problemas. Seu marido não se incomoda e seus filhos, hoje casados, quando moravam com ela, respeitavam o seu trabalho e se retiravam da sala quando chegava um cliente.

Sônia é responsável por todo o seu trabalho como costureira. A matéria prima ela compra no bairro do comércio ou vem das mãos dos clientes. Ela diz que já costurou com seu próprio material, mas não trabalha mais assim. Só confecciona. O horário de serviço varia. As vezes só a noite, às vezes pela manhã. “Depende muito, depende da demanda da costura”.

Sobre a relação com seus clientes, ela diz ser tranquila. As pessoas costumam respeitar seus horários. Geralmente, depois das 19:00 ela não recebe cliente, poucas vezes aparecem clientes em sua casa 21:00 ou 22:00, mas ela diz deixar claro que não dá pra ser assim. A não ser que seja um caso especial, então ela abre uma exceção. Ela prefere seguir atendendo em sua casa por fatores como locomoção e aluguel. Para ela, o custo benefício compensa. Não precisa pagar nem aluguel e nem transporte coletivo. Além disso, onde está já tem um público fidelizado que sabe onde



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

e quando procurá-la.

Ela diz que escolheu o trabalho como costureira porque não tem paciência de ficar em balcão, vendendo. Segundo ela, quando era mais nova montou um negócio de vendas de roupas com sua irmã, mas aí sofreu muitos golpes e então desfez a sociedade que tinha. “ As pessoas não pagavam e sumiam. O estresse e as brigas constante a fez desistir do trabalho. O que restou de mercadoria ela se desfez e colocou para bazar”.



Sônia trabalhando em sua sala

Em frente à casa de Sônia está localizado o local que funcionava o antigo Centro de Esportes Arte e Cultura César Borges. O Centro oferecia cursos para os moradores do bairro. Entre esses cursos estavam o curso de Bolos Ornamentais e Biscuit. Sônia realizou ambos os cursos e trabalhou com essas atividades por um tempo, aliadas ao trabalho de costureira. Mas, desistiu da atividade como confeitadeira, porque segundo ela, as pessoas não valorizam o trabalho e querem abaixar o valor dos bolos. Diante disso, sua fonte de renda principal ainda é a costura, sendo o Biscuit, uma renda alternativa, exercida apenas quando surgem encomendas.

Sobre a rotina de costureira e dona de casa, Sônia afirma ser “puxado”, mas que ela gosta mesmo assim “só fico mais atrapalhada quando a atividade requer mais atenção, como Biscuit. Na semana do biscuit não pego costura, pois não consigo



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

conciliar as duas atividades”.

Sozinha em sua casa a maior parte do dia, a companhia de Sônia é sua cadela, Dara, a TV ou o rádio. “Eu preciso de uma coisa falando, se não for a televisão é o rádio. Mas minha amiga Ana volta e meia está aqui me fazendo rir”.

Dessa forma, ela configura sua profissão como algo muito importante que sempre a supriu “Não dá para depender de salário. A costura não ajuda mais porque eu não disponho de mais tempo disponível”. Sônia afirma nunca ter percebido situações de machismo a envolverem.

Sobre a religião ela diz ser “A toa”. Não possui vínculo com nenhuma em especial.



Mesas de trabalho de Sônia

\*

Vizinha de Ana e Sônia, **Iraídes Barbosa dos Santos**, ou Dinha, como é conhecida no bairro, começou a trabalhar aos 7 anos de idade, quando, devido a escassez de água no São João do Cabrito, carregava água para vender aos seus vizinhos. Aos 10 anos começou a vender peixe, e aos 15 começou a trabalhar com o preparo e venda de salgados<sup>6</sup>, ambas as atividades que nunca deixou de exercer e que garantem seu sustento e dos seus filhos, sendo a venda de salgados, a fonte de renda principal.

---

<sup>6</sup> Salgados são aperitivos, podem ser fritos ou assados.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Dinha relata, ainda, os problemas de coluna que possui devido aos anos de trabalho que muito exigiram do seu corpo.

Quando perguntada sobre a razão da escolha por essa atividade, a entrevistada disparou “a precisão, a situação!”. Ela afirma que apesar das dificuldades, ama o seu trabalho, sobretudo a venda de peixes, pois, além de ganhar mais, lhe confere mais animação. “Se for pra levantar três horas da manhã pra eu ir vender, eu dou um pulo da cama, me ajeto. Aquela alegria, pra ir vender! E salgado eu vou umas cinco horas, seis horas, mesmo assim meu corpo fica amarrando”.

O trabalho com a venda de peixes é iniciado às 03:00, quando ela acorda, e termina às 13:00, quando ela volta para casa. A mercadoria, segundo a entrevistada, é encomendada e provém de várias ilhas, como por exemplo Salinas. No porto que está localizado no próprio bairro, é retirado peixes como Sardinha e Pititinga, porém, Dinha costuma vender mais as mercadorias advinda das ilhas, vendida por ela no Mercado do Peixe. Ela afirma que não exerce a atividade de pesca, sendo esta predominantemente exercida por homens. Mas, a venda não se resume a peixes, há ainda os siris e os mariscos, que também são vendidos no mercado, e sua origem é também a ilha, geralmente Salinas. A entrevistada comenta que as mercadorias são entregues por outras mulheres, e possui grande qualidade, devido ao cuidado com que são tratadas: “o marisco da gente é limpinho, não é com areia. As meninas já lavam o marisco bem lavado lá e quando chega, chega bem limpo, sem areia, sem nada. Aí tem a clientela grande por causa disso”.

Perguntada sobre a resposta financeira da sua atual atividade, a venda de salgados, a entrevistada fala que possui um bom retorno financeiro, pois o preço das peças é muito baixo, R\$ 1,00 por isso vendem bastante. Ela prepara os salgados sozinha e vende sozinha durante a manhã, pois a tarde sua filha a ajuda nas vendas, para que ela possa sair da lanchonete e fazer os serviços domésticos. O serviço na lanchonete é iniciado às 5:00 ou 6:00 e concluído às 16:00 ou 17:00, caso as vendas sejam boas, caso não sejam, fecha mais tarde, 18:00.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Dinha vende seus salgados em um espaço construído para esse fim, na parte térrea, à frente da casa de sua mãe. Sua casa está no primeiro andar. A clientela é formada pelos próprios moradores do bairro, que respeitam muito o serviço e a mercadoria de Dinha. Inclusive, muitos chegam a pestanejar quando as mercadorias chegam ao fim, e alguns inclusive procuram mercadorias em sua casa, no primeiro andar, mesmo percebendo que a lanchonete, no térreo, está fechada.

Ela acha confortável vender no local escolhido, porque vende bem, além de ser perto de sua casa, facilitando a criação dos filhos. Dessa forma, não lhe parece interessante vender em outras partes da cidade. Sobre o machismo, Dinha afirma que nunca passou por esse problema em suas atividades.



A casa e a lanchonete de Dinha. Na foto, sua vizinha Ana compra lanches para seus filhos.

Dinha vive com dois filhos e seu irmão. Seu namorado a ajuda com as finanças. Em relação à rotina doméstica, para ela, não há desconfortos. É muito cômodo relacionar as atividades domésticas e comerciais às rotinas dos moradores da casa, principalmente de sua filha, que é quem a auxilia. Ela diz que ser dona de casa e comerciante “faz parte da vida” e que não a atrapalha.

Dinha estudou até a sexta série do ensino fundamental.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Ela não possui religião muito intrínseca à sua vida, indo à igreja evangélica esporadicamente.

\*

Vizinha de Ana, Sônia e Dinha, **Maria Deuza Nascimento dos Santos** ou simplesmente Deuza, como é mais conhecida no bairro, possui 64 anos. Nasceu em Alagoinhas. Veio para Salvador com 15 anos de idade. Deuza conta que, depois de ter se casado, trabalhou esporadicamente, sem carteira assinada. Começou a trabalhar com comércio ao 29 mas, aos 13, já trabalhava como babá. Iniciou seu trabalho como comerciante com uma loja de roupas. Assim que pôde, Deuza registrou sua loja. Atualmente, já deu baixa no seu comércio, mas segue vendendo.

Filha de pai branco e mãe negra, ela diz ter escolhido trabalhar com comércio porque toda sua família por parte de pai já exercia essa atividade. Para a comerciante, essa atividade faz parte da sobrevivência, é sua renda principal. Deuza comercializa roupas, sapatos, bolsas, relógios e bijuterias.

Religiosamente, Deuza está ligada à religião Adventista do Sétimo Dia e por isso não trabalha aos sábados, mas trabalha em todos os demais dias da semana. Quando perguntada se o motivo da escolha da profissão tinha relação com a predominância de ofertas de emprego que exigem o trabalho no sábado, ela afirma que essa realidade não fez parte do seu momento de decisão. A comerciante escolheu o serviço autônomo no comércio porque parecia a melhor opção. No que diz respeito a sua vida profissional, a religião ajuda na questão do descanso, pois segundo ela, o trabalho no comércio tende a levar a pessoa a trabalhar os sete dias da semana e, tendo os conselhos da religião, ela tem o dia do descanso bem marcado.

A relação de Deuza com seus clientes costuma ser tranquila e amigável. As pessoas não costumam solicitar o serviço fora do horário do expediente, mas quando isso acontece, se trata de pagamento. Então ela recolhe o pagamento e no dia seguinte dá baixa na loja. Porém, caso a pessoa “seja um bom cliente”, ela diz não se importar em vender fora do horário do expediente. A relação da clientela com sua religião



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

também é respeitosa. Como todos os clientes já a conhecem, ela diz que eles não aparecem para comprar no sábado: “e se aparecer no sábado um cliente é porque é novo comigo!”

Deuza diz ter adquirido o respeito no local. Segundo ela, as pessoas gostam da mercadoria pois esta possui qualidade e é diferente do que costuma ser ofertado no São João do Cabrito. Inclusive, as suas mercadorias tendem a ser mais caras, isso porque ela viaja pelo Brasil a procura de mercadoria de qualidade para reposição constante. Inicialmente as viagens aconteciam de 30 em 30 dias ou até menos, devido a urgência de reposição; Mas, ultimamente as viagens têm acontecido de 40 em 40 ou 60 em 60. Ela já passou por estados como São Paulo, Belo Horizonte, Petrópolis, Fortaleza, Goiânia e Pernambuco. Diz nunca ter sofrido machismo nas viagens.

O trabalho na loja inicialmente começava às 8:00 e terminava às 20:30 ou 21:00. Porém, atualmente, as atividades são iniciada às 9:00 e encerradas às 19:00. A loja não fecha para almoço.

Deuza diz que sempre teve uma pessoa para trabalhar em casa e outra na loja, pois é muito trabalho e muitas viagens. Hoje ela coloca pessoas em meio turno, mas antes era o dia inteiro. Por ter se aposentado, seu marido também ajuda no comércio enquanto a esposa sai para o almoço, mas essa dinâmica é mais atual.

O motivo da loja de Deuza ser em sua própria casa está relacionado aos custos mais baixos e maior comodidade. Deuza diz ter escolhido esse local para abrir sua loja porque é onde ela foi morar. O fato do bairro ser tranquilo, sem problemas com violência e roubo, contribui para sua permanência.

Inicialmente, Deuza morava no térreo, onde fica também a sua loja. A loja ficava à frente da casa, compondo a fachada desta. Atualmente, a comerciante mudou-se para o primeiro andar e mantém a loja da mesma maneira. Ela diz que a ligação do serviço doméstico e comercial não é um problema, pois fica perto de casa e perto do trabalho.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Estando perto de casa ela pode tomar banho, fazer lanche e depois voltar para a loja. Não precisa de transporte coletivo, e grandes deslocamentos no trânsito. Ela diz que se tivesse no início do trabalho iria sem problemas trabalhar no centro da cidade, em shoppings ou em outros bairros, mas hoje já não possui mais interesse, pois onde está é mais tranquilo, sobretudo agora que está mais cansada.

A casa que antes morava Deuza, o marido e três filhos, hoje conta com apenas duas pessoas além dela, o esposo e a filha; Os filhos casaram-se. O marido trabalha e também supre a casa. Mas ela afirma que se sustentaria tranquilamente com seu próprio trabalho.

A comerciante estudou até o primeiro ano do ensino médio, embora tenha sentido vontade de estudar mais, não foi possível. No entanto, ela só vê o lado positivo de sempre ter trabalhado, pois foi através dos seus exercícios que teve maior qualidade de vida, pois, apesar do marido manter a casa, ela diz que também ter trabalhado promoveu o excedente, como por exemplo a sua casa de veraneio em Monte Gordo, construída 100% através das suas economias.



A loja e a casa de Deuza



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

\*

**Nívia Rosa Assis de Oliveira, 55 anos**, mora numa rua diferente das primeira entrevistadas, a rua Rosa dos Reis. Nivinha, como é mais conhecida, nasceu no interior da Bahia, em São Francisco do Iguape, distrito de Cachoeira. Chegou em Salvador aos 9 anos de idade. Já trabalhava desde criança como auxiliar dos pais. Sua mãe partia coco para a fábrica de azeite. Ela e seus irmão ajudavam partindo com pedras menores. Seu pai era calafate. “Ele betumava e calafatava barco e a gente (ela mais os irmãos) carregava as tampas, segurava, enquanto papai fazia o serviço. Já era um trabalho!”. Depois dos estudos foi ser recepcionista de uma clínica de neurologia aos 18 anos. Hoje, Nivinha se mantém como autônoma, estando há 20 anos na área de costura junto ao seu marido. É a renda principal da família.

Há alguns anos, eles abriram uma facção. A casa de Nívea está acima da casa que foi de seus pais, no primeiro andar, e a facção fica no segundo andar. Anteriormente os trabalhos eram feitos dentro de sua casa, quando não tinha facção. O marido é costureiro e ela trabalha como auxiliar de costura, assessora, e na gerência das finanças. O negócio é dirigido por ela, seu esposo e seu filho.



Um dia de trabalho na facção de Nívia.

Além do trabalho na facção, Nívia também vende roupas em sua casa. Todos os



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

serviços comerciais começam às 6:30 e terminam às 21:00. Algumas pessoas vão fora do horário, procurá-la, e ela diz atender, mesmo sendo fora do expediente, por causa da venda de roupas.

Sobre a jornada dupla de dona de casa e comerciante ela afirma: “é muito massacrante, é cansativo demais, é muito cansativo”. Ela diz que às vezes coloca alguém para ajudar no serviço doméstico, mas fica pesado cumprir a folha de pagamento. Ainda assim, ela prefere trabalhar em casa, pois é mais cômodo, não precisa pegar transporte coletivo e está livre de assaltos em pontos de ônibus.

Segundo Nívia, trabalhar de forma autônoma significa mais trabalho, porém, mais retorno. Ela não quer voltar a trabalhar para outras pessoas. O lado negativo de trabalhar em casa é porque não tem horário e ela acaba usando todo o tempo disponível para as atividades, o que acaba interferindo na saúde e no envelhecimento precoce. Mas é compensador porque não está exposto ao perigo lá fora.

A facção de Nívia atende empresas e a matéria prima são enviadas pelas próprias empresas. A facção entra com a mão de obra.

A comerciante possui o Segundo Grau completo e cursou, àquela época, o curso de redator auxiliar, mais conhecido como curso de datilografia, feito também por Ana e Sônia. Nívia diz que queria ser psicóloga ou assistente social, uma doutora nessas áreas. Fez vestibular, passou, mas a carga horária era pesada “eu ia me cansar demais”. Mas, apesar disso, afirma que gosta de seu trabalho.

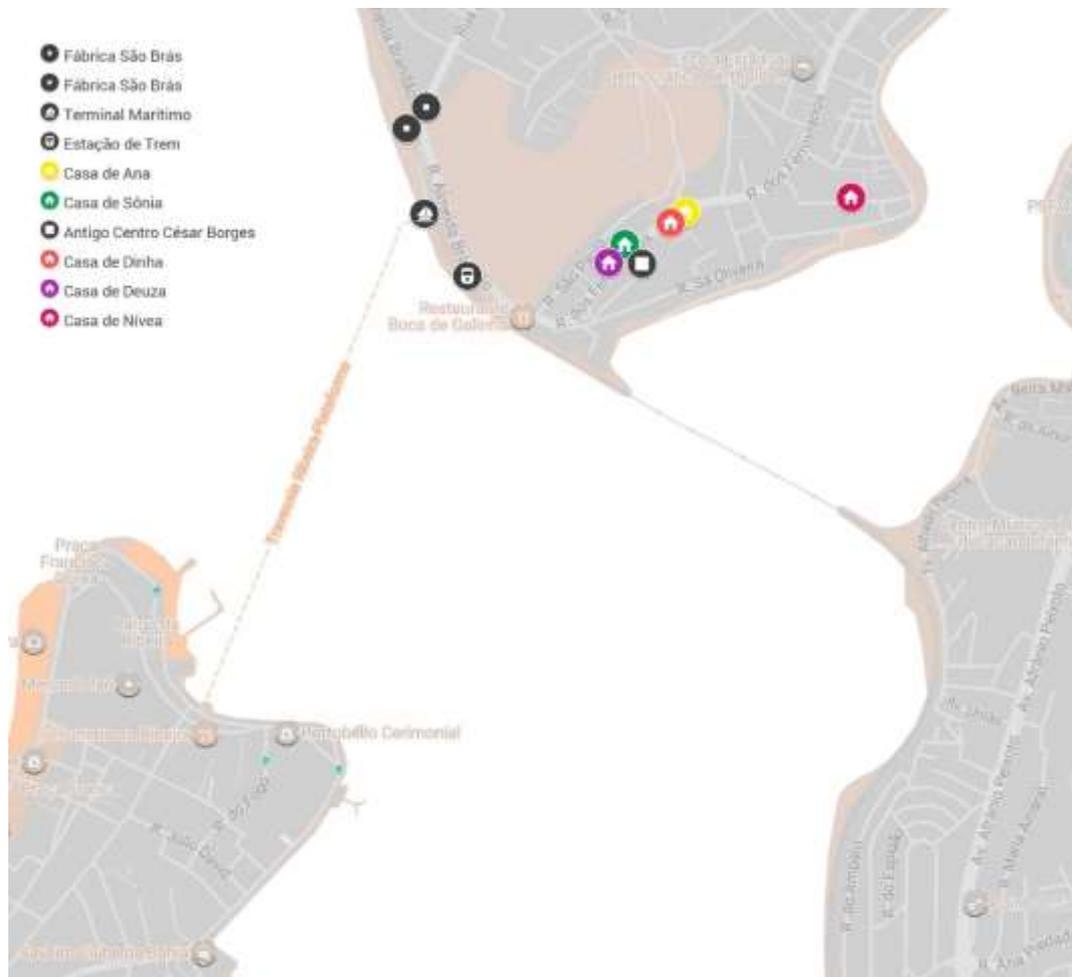
Sobre a religião, Nívia professa a religião Adventista do Sétimo Dia, e diz que a religião foi importante ao livrá-la da depressão, e por isso, diz que a religião é tudo.

O fato de não poder trabalhar no sábado não interferiu na escolha da profissão. Ela diz ter encontrado serviços facilmente mesmo sem trabalhar sábado, pois encontrava trabalho em locais relacionados a igreja como em escolas adventistas. Dessa forma,



**SALVADOR E SUAS CORES [2018]**  
**CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL**

o trabalho com o comércio foi escolhido sem o filtro religioso.



## Referências

As potencialidades do estudo da História local em sala de aula: Análise de uma experiência no Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira (São João do

Cabrito; Plataforma; Salvador-Bahia). Disponível em <  
[https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502846938\\_ARQUIVO\\_artigoanpuh.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502846938_ARQUIVO_artigoanpuh.pdf)> Acesso em 27 de outubro de 2018.

Documento Oficial da IASD sobre a Guarda do Sábado . Disponível em



SALVADOR E SUAS CORES [2018]  
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

<<http://novotempo.com/estaescrito/documento-oficial-da-iasd-sobre-a-guarda-do-sabado/>> Acesso em 28 de outubro de 2018

Estudo de viabilidade econômico-financeira da exploração e prestação do serviço de transporte aquaviário entre os bairros da ribeira e de plataforma. Disponível em <<http://www.mobilidade.salvador.ba.gov.br/documentos/ANEXOIIICONC001-2018-SEMOB>> Acesso em 28 de outubro de 2018

O reuso do patrimônio industrial. o caso da antiga fábrica São Braz em Plataforma, Salvador. Disponível em <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI\\_coloquio\\_t1\\_reuso\\_patrimoni\\_o\\_industrial.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t1_reuso_patrimoni_o_industrial.pdf)> Acesso em 28 de outubro de 2018

LANDES. R. A Cidade das Mulheres. Trad. de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LANDES. R. A Cidade das Mulheres. Trad. de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

O gênero da memória: lembranças de operários e lembranças de operárias. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6862/1/Memória%20de%20Plataforma%20-%20Apresentação%20Simpósio%20PROCAD%202012.pdf>> Acesso em 27 de outubro de 2018.

Salvador (estação da Calçada). Município de Salvador, BA. Disponível em <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba\\_monte%20azul/salvador.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_monte%20azul/salvador.htm)> Acesso em 27 de outubro de 2018.

SANTOS, J. E. F. Novos Alagados: Histórias do Povo e do Lugar. 1. ed. São Paulo: UDUSC, 2005.

Travessias: Adolescência em novos alagados: trajetórias pessoais e estruturas de oportunidade em um contexto de risco psicossocial. Disponível em <[https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/jose\\_eduardo\\_santos.pdf](https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/jose_eduardo_santos.pdf)> Acesso em 27 de outubro de 2018.